

ANNO V
NUMERO 106



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen
 » » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
 » » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
 » » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES
 DA
CASA LAMBERTINI

Vieira — Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes (2 volumes).....	Rs. 45000
V. Hussla — 4. ^a Rapsodia Portugueza.....	» 15000
Furtado — Zininha (valsa).....	» 500
Pereira — Natus est Jesus (canto).....	» 500
Mantua — Pas de quatre.....	» 500
Oliveira — Calças-club (Pas de quatre).....	» 500
Mantua — P'ra inglez vez (valsa).....	» 500
» Grata (valsa).....	» 500
Rover — Arte Nova.....	» 500
Pinto — Confidence (valsa).....	» 500
Mackee — Honey Moon (valsa).....	» 500
» Caressante (valsa).....	» 500



14^{bis} BOUL^d POISSONNIERE ^{J. Bille}

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania — SS AA RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de L rne).
 BERLIN N.—37, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S.^t HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LOUIS RHEAD

LAMBERTINI
 UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE
BECHSTEIN
 LUVARIA
 GATOS

260, RUA AUREA, 270
 LISBOA

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de
 gravatas, colla-
 rinhos e pu-
 nhos.
 M. C. ALVES
 NOVIDADES
 DE
 LONDRES E PARIS
 15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)
 A associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.
 PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES & C.^a
 108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

LISBOA

Redactor principal e editor

Michel'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Arthur de Greef -- Zarzuela chica e zarzuela seria — Da interpretação da musica de Bach e Haendel — Concertos — D. Maria Augusta de Freitas Valle — Antiguidade musicas. — Noticiario — Necrologia.

ARTHUR DE GREEF

O piano, tão calumniado e deturpado pela turba multa dos iconoclastas da musica, tem sido particularmente alvo dos seus mais certos tiros. E sem embargo, ao cabo de tantas investidas, procurando desacreditá-lo, eil-o inabalável na sua força, e firmes nos seus longos e indispensáveis serviços.

Em verdade, para que occupe o lugar de honra, que indisputavelmente lhe pertence na acção e vida da musica, corre poderosa e effizantemente o numero tão consideravel dos *virtuosi* eminentes que n'elle se tem affirmado como tocadores de primeira plana. E entre esses occupa um dos primordiales postos, proclamado *una voce* por todos os que o ouviram, o afamado pianista belga Arthur de Greef, concertista tão notavel quanto celebrado e reputado compositor para o seu predilecto instrumento.

Nasceu em Louvain, provincia brabantina, a 10 de Outubro de 1862. Cursando, com o aproveitamento rapido dos talentos precoces, os seus estudos de piano, breve começou de revelar as suas aptidões tão notáveis, que o haviam de conceituar tão brillantemente no mundo da Arte.

Tendo-se resolvido a encetar o seu giro de concertista, percorreu toda a Inglaterra, alcançando os mais ruidosos e productivos successos n'uma prolongada *tournee*, em que visitou successivamente, umas apoz outras, todas as principaes cidades do reino unido. A fama que grangeou, por tal modo se accentuou, que desde então ficou cotado entre as primeiras illustrações modernas do piano.

Não menos extraordinario foi o exito que obteve n'uma nova excursão artistica no paiz visinho. Os seus concertos em Madrid, Barcelona, Bilbao, Valença, Sevilha, etc., foram então o acontecimento sensacional da Hespanha, e ainda hoje a recordação do celebre concertista se mantém viva e inalteravel no juizo dos amadores e entusiastas propugnadores da musica.

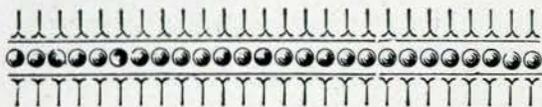
Toda a imprensa de Hespanha, como precedentemente o fizera a da Inglaterra, celebrou, nos mais elogiosos termos, o grande valor de concertista de Arthur de Greef, considerando-o sem discrepan-

cia como um dos mas brillantes pianistas da sua epoca.

Depois d'essa viagem artistica, De Greef emprehendeu varias excursões n'outros paizes do velho e novo mundo, obtendo sempre identicos senão maiores successos. Na opinião dos mais entendidos e exigentes apreciadores cabe-lhe um dos melhores postos na galeria das grandes illustrações pianisticas.



Não menos afortunado como compositor, as suas produções de piano têm obtido a acceitação dos mais difficeis censores, e gozam de largo conceito e voga nos centros de piano. Contando pouco mais de quarenta annos, na plena maturidade da vida e talento, muito ha ainda a esperar da sua actividade ao serviço de tão consideraveis quanto brilhantes aptidões.



Zarzuela séria e zarzuela chica

Como o nosso presado collega de redacção Dr. Esteves Lisboa publicou ha dias no *Jornal da Noite* um artigo em fórma didactica, no qual expõe a largos traços a historia da *Zarzuela*, obtivemos licença de reproduzir esse artigo na *Arte Musical*, enriquecido com as ampliações historicas que o seu auctor lhe fez e que muito lhe agradecemos.

Eis o artigo :

A historia da musica d'uma nação é o thermometro de que muitas vezes os sociologistas se servem para investigar do estado de civilização e de cultura intellectual dos povos. Já na Grecia antiga a musica era considerada como um dos primeiros elementos do saber humano.

Se a Italia contribuiu desde o anno de 1600 com a sua opera lyrica para a educação e a civilização dos povos, tambem a Hespanha creou o seu espectáculo Lyrico nacional, a *Zarzuela*. Os historiadores consideram a *Euridice*, poema de Ottavio Renuccini e musica de Jacopo Persi, como a primeira opera lyrica italiana, por ser aquella em que a musica attingiu maior importancia e obteve fóros de celebridade. Foi representada em Florença, a 6 d'outubro de 1600, para celebrar o casamento de Henrique IV de França com Maria de Medicis. E' claro que antes da obra musical de Persi houve outras tentativas para adornar de musica os poemas destinados a serem recitados. Os languidos madrigaes a quatro partes, a cançoneta introduzida nas tragedias, que era cantada pelo actor que estava em scena e acompanhada por tres outros collocados nos bastidores, já então eram expressões musicaes consideradas como puerilidades por alguns musicos italianos de ideias mais avançadas.

Affirma-se que o nome de *Zarzuela* teve origem n'umas festas dadas pelo cardeal in-

fante D. Fernando, em 1628, no sitio real da Zarzuela, provincia de Segovia, junto ás serras de Guadarrama. O esplendor, a magnificencia e a pompa com que taes festas foram realizadas, deram logar a que d'ahi por deante chamassem *Fiesta de Zarzuela* ás representações apparatusas com canto e baile. Essas representações, na sua fórma primitiva, á parte a moralidade propria da epoca, deviam approximar-se mais da zarzuela de fórma *chica* da actualidade, do que da zarzuela *séria*, fórma que especialmente no seculo XIX a zarzuela attingiu, occupando, como espectáculo nacional, um logar intermedio entre a opera lyrica e o drama ou comedia hespanhola.

Não vem para aqui investigar da razão porque numa dada epoca nos theatros lyricos só tinham ingresso os artistas italianos, para cantar as partes de soprano e contralto, e porque esses cantores eram especialmente recrutados nas classes dos meninos de côro das cathedraes de Italia. N'uns artigos que na *Arte Musical* escrevemos com o titulo *Cantores antigos e modernos*, apontamos as causas da decadencia da arte de canto na Italia. D'essa decadencia resultou a facilidade de ingresso dos artistas estrangeiros nos theatros d'opera lyrica italiana e a Hespanha, depois da Italia, foi a nação que, a começar do meado do seculo XIX, mais artistas exportou e maior contingente forneceu para a organização das companhias d'opera lyrica, chamada italiana.

Para que isto succedesse havia uma razão de ser. A *Zarzuela*, como dissemos, partilhava da opera lyrica pelas suas melodias de estylo caracterisadamente italiano, que, para serem bem cantadas, exigiam que o artista possuísse boa voz, magnifica escola de canto, que fosse capaz de interpretar romanças, arias e duettos, com as suas respectivas cadencias. Por outro lado tinha o artista de ser um bom actor, capaz de declamar scenas enormes em *romance*, *redondillas*, *quintillas*, *decimas* e *ovillegos*. Eram estas as exigencias das *zarzuelas* de Barbieri e Gaztambide. Era esta a *zarzuela séria*, um mixto d'opera lyrica e do drama ou da comedia em verso, que em 1850 tinha attingido o seu apogeu de gloria. O seu repertorio era extenso. Tinha como typos: *El Relampago*, *El diablo en el poder*, *Jugar con fuego*, de Barbieri; *Los magyares*, de Gaztambide, e muitas outras composições que é desnecessario enumerar.

Foi esta a epoca em que a illustração musical da Hespanha fazia marcar uma alta temperatura ao thermometro por onde os sociologistas podiam aferir da sua civilização.

Mas o artista hespanhol, com tão boa

larynge como o italiano, viu na decadencia da arte de canto em Italia um meio de subir nos seus creditos e nos seus proventos, dedicando-se exclusivamente á opera lyrica, que só lhe exigia uma regular escola de canto e o dispensava das scenas de declamação, que na *Zarzuela* lhe eram um tormento. Os bons artistas hespanhoes principiaram então a abandonar a *Zarzuela*. Os maestros hespanhoes previram o desastre e pensaram a valer na creação da opera nacional.

Na *Gaceta* official de 4 de julho de 1845, aproveitando a referencia ao exito que no *Liceo* de Madrid tinha obtido a opera *Boabdil*, do maestro hespanhol Saldoni, já se dizia que era uma necessidade da época a creação da opera nacional hespanhola. Decorridos dez annos, em 9 d'outubro de 1855, era dirigida ás côrtes uma representação, assignada por 58 artistas, cantores e professores de musica, entre estes: Antonio Romero, Baltasar Saldoni, Francisco Asenjo Barbieri, Emilio Arrieta, José Incenza e Juan Maria Guelbenzu, que depois vieram a entrar para a Real Academia de S. Fernando. Naquelle representação pedia-se:

1.º — A creação da grande opera nacional, sob a protecção do governo de Sua Magestade.

2.º — Que para tal fim fosse destinado o theatro Real.

3.º — Que para sustentação da opera nacional fosse creado um subsidio conveniente.

Desconhecemos o motivo por que a representação não teve solução satisfatoria. Naturalmente a mesma indifferença que já então havia entre nós por tudo o que pudesse interessar á numerosa classe dos artistas musicos nacionaes. A *Zarzuela* cobrou então novos brios, vivendo dos seus proprios recursos durante alguns annos, chegando a construir-se um theatro, que lhe era proprio. Mas foi uma vida ephemera. Dez annos depois, no mesmo theatro de tantas glorias para a *Zarzuela séria*, para o espectáculo lyrico nacional, exhibiam-se zarzuelas de genero *bufo*, com o fim de attrahir a concorrência d'um publico, que fugia do theatro, porque já não havia artistas para cantar a *Zarzuela séria* com as exigencias requeridas.

Mas essa concorrência continuou a falhar. Não a chamavam zarzuelas com o typo do *Barberillo de Lavaptes*, escripta pelo proprio Barbieri, que creava assim o typo mais perfeito e acabado da zarzuela comica e popular. Em 1884, apesar d'um subsidio de 180.000 *reales* dado pelo governo, o theatro Apollo teve de fechar com tres mezes de antecipação. Não tinha concorrência, embora explorasse a *zarzuela bufa*, com os

graciosos espectaculos de *Los Sobrinos del Capitan Grant*, musica de Caballero.

Em 1885 a queda da *zarzuela séria* era total. E no entanto, nesse anno, havia uma grande porção d'artistas hespanhoes que faziam parte do elenco das companhias de opera lyrica italiana. A titulo de curiosidade apontamos o nome dos mais conhecidos: as sr.ªs Cepeda, Mantilla, Natividad Martinez, Buireo, Font, Peydro, Ocampo, Tresols, Incera, Chini, Hierro, Compañi e Cabarero; o celebre tenor Gayarre e os srs. Antón, Valéro, Aramburo, Abruñedo, Masanet, Laspur, Padilla, Labán, Aragón, Rovirato, Carbonell, Blanchart, Segura, Arambarri, Uetam, Visconti, Meroles, Mejia, Ulloa, Jordá, Samper, Martí, Valdés e Palau.

Só esta lista de nomes é de per si sufficiente para provar o que deixamos dito.

Para attrair a concorrência foi preciso que a zarzuela descesse até ao genero *bufo-escandaloso-pantorrillesco-bailable*, a que se dá o nome de *zarzuela chica*, e que tem como typo dos seus espectaculos peças num acto com dois ou tres quadros, do genero — *El puesto de flores, Lola Montes, La alegria de la huerta*, etc.; baixa expressão da *zarzuela bufa*, e que da *zarzuela séria* nem pôde já ser considerada o ultimo termo degenerativo.

Para a organização d'estas companhias de *zarzuela chica* não ha exigencias de vozes, porque todas servem para cantar as arias populares hespanholas. O que se exige é um bom comico, que com as suas visagens burlescas e phrases equivocadas provoque o riso; uns libretos com sal e pimenta; uns córos e um corpo de baile com um pessoal feminino de caras bonitas, boa plastica, donairoso e com muito salero. São condições integrantes, aperitivos indispensaveis para attrair a concorrência.

Thermometro com temperaturas demasiado baixas, marcando periodo de colapso, de morte proxima.

De *zarzuela séria* tivemos ainda ha pouco no theatro da Trindade uma companhia composta d'artistas sem a precisa cultura de voz e sem escola de declamação. Nem o annexo dos bailados conseguia chamar concorrência. Dava-se com ella exactamente o facto que ha pouco apontámos e que foi causa da decadencia da zarzuela: o nenhum prazer em ouvir cantar ou declamar taes artistas.

No theatro D. Amelia tem trabalhado ultimamente uma companhia que é o typo mais perfeito e acabado da *zarzuela chica* da actualidade, tal como ha pouco a descrevemos.

Da execução das obras de Bach e Haendel

Com a assignatura de Saint-Saens, appareceu n'algumas publicações musicas um artigo, tão breve quanto singular, sobre Bach e Haendel. N'elle o auctor proclama que a execução das obras dos dois mestres, hoje, é absoluta chimera, que se deve pôr inteiramente de parte. Como razões d'este seu parecer affirma que as obras de Bach são desprovidas de qualquer noção designativa dos cambiantes e andamento, não se podendo saber como se devam interpretar. Para mais, os instrumentos de que se compunha a orchestra, na epocha do grande compositor, passaram d'uso actualmente, o que nos força a substituil-os pelo instrumental moderno, demasiado diverso do antigo, para que o caracter da obra não mude profundamente.

Discordamos da força de taes argumentos e da conclusão resultante.

Não ha duvida que as partituras de Bach só raras vezes conteem indicações d'andamentos e *nuances*; ignorando nós, portanto, dada a falta de documento preciso ou tradição certa, como o velho compositor entendia que se executassem.

Dever-se-ha porem concluir d'esta affirmativa que se não executem mais? Seria como se assentássemos que se não podia tocar musica de qualquer compositor já morto, ou mesmo dos ainda vivos, quando não se achassem presentes aos ensaios, afim de auxiliarem com o seu conselho o director d'orchestra! E mesmo as indicações marcadas nas partituras, embora tenham sua relativa utilidade, é esta comtudo apenas elementar. Servem a afastar d'erros os individuos mediocrementemente providos de sentimento musical que, por exemplo, tocassem n'um andamento precipitado um *andante*; ou imprimissem a um *scherzo* o tempo lento magestoso; ou que fossem tocar em *pianissimo* a *Cavalgada das Walkyrias*, e *fortissimo* o *Incantamento de sexta feira de paixão*. Essas indicações constituem um guia elementar, mas nada mais; não podendo aspirar a mais do que nortear a inexperiencia ou inhabilidade dos amadores. Não logram porém, assegurar uniformidade na interpretação, como podemos ter a prova nas symphonias de Beethoven ou nos dramas de Wagner, onde, embora se encontrem a cada instante as referidas indicações, quantas diversidades de movimentos e cambiantes, conforme a direcção suprema pertence a Richter, ou a Mottl, Weingartner ou Strauss, na execução d'estas como d'aquellas!

Isto é de tal modo verdadeiro, que o con-

fronto d'essas maneiras differentes constitue, nos nossos dias e em todos os paizes, um dos principaes e predilectos attractivos dos amadores de musica.

Mr. Saint Saens lastima que não haja tradições que nos habilitem á execução de Bach; mas ellas faltam igualmente com respeito a Beethoven; e mesmo no que toca a Wagner, existem tres ou quatro, entre si contradictorias, das quaes cada um pode escolher. Sem duvida, para o maior numero dos verdadeiros musicos, essa escolha está feita, assim como o está a interpretação de Beethoven.

Mas isso não provém de que as partituras dos dois grandes musicos estejam profusamente annotadas com exuberancia de *f* e *p*. Simplesmente resulta de que toda a musica tem em si propria a indicação dos movimentos que lhe pertencem e conveem, revelando espontaneamente, a qualquer leitor dotado de sentimento musical, a forma por que deva interpretal-a. Os que não possuam esse *quid*, por mais annotações que tenham, nunca poderão dar interpretação verdadeira ou bella aos trechos. Ninguém julgará que Mr. Taffanel, de posse de todas as indicações metronomicas, as mais minuciosas ao tocar uma das nove symphonias, ou um drama da *Tetralogia*, possa exprimir toda a vida e belleza que em si contem.

Inversamente, todos os que estão familiarisados com o espirito de Beethoven considerarão os movimentos de Mr. Richter, dirigindo a symphonia com córos, ou os de Joachim, executando alguns dos ultimos quartetos, como os precisos, necessarios, justos andamentos, que vibram em perfeito accordo com a emoção de Beethoven. Certamente não foram as indicações do metronomo que lh'os indicaram, e fizeram iniciar nos cambiantes. Foi a musica, a propria musica quem lh'os revelou, e penetrando na intima comprehensão do seu sentido, lograram traduzir-lhe esplendidamente a linguagem dos sons. E' assim que a todos, que sabem entendel-a, a musica falla e segreda as suas confidencias. Ora a de Bach não tem menos clareza e eloquencia do que a de Beethoven. Causar-nos-hia surpresa se Mr. Saint-Saens não a entendesse no primeiro momer-to!

A segunda razão do eminente musico é tão singular como a primeira. Mr. Saint-Saens opina que a orchestra de Bach differe muito da orchestra moderna, para que possamos substituir os instrumentos d'aquella pelos modernos, sem trahir o pensamento do mestre. Cita as violas de amor e as *di gamba*, ás quaes os altos e os violoncellos modernos suprem imperfeitamente. Allega

ainda a variedade das flautas e oboés, queixa-se dos clarins e protesta contra os fagotes. Não ha duvida de quanto impossivel nos seria reconstituir a antiga instrumentação, que somos, portanto, forçados a recorrer a equivalentes, e que sem duvida a sonoridade da orchestra contemporanea differe profundamente da que Bach ouvia. Esse inconveniente seria muito grave, se se tratasse de obras, cujo principal encanto resultava do imprevisto ou bizarro das combinações dos timbres; se se tratasse d'algum trecho de Balakiref ou Rimsky-Korsakof. Mas, ninguem ousa sustentar que a belleza das obras de Bach seja de tal natureza. No culto que elle nos inspira, as seduccões da orchestra ou os effeitos de jogos dos timbres contam por bem pouco. Modificamos-lhe as combinações primitivas, não mantemos intacta a sonoridade da orchestra? Que vale? Guardamos escrupulosamente todo o resto, ou seja o sentimento da propria musica, força de estylo, profundidade do contraponto e a magnificencia da obra! Substituímos, é factó, uma *viola di gamba* pelo violoncello, um *piccolo violino* pelo violino ordinario. Ondé o inconveniente grave, para que não possamos mais executar a musica de Bach, quando possuimos toda a essencia do seu genio e quando podemos admirar-o e amal-o quasi por completo? Seria ligar demasiada importancia a bagatellas, sacrificando-lhes o mais essencial e cuidar com excesso dos detalhes despresiveis. Decididamente Mr. Saint-Saens é implacavel para as nossas recreações musicas. Proscreve-as, uma apoz outra, restringindo em cada dia o cyclo fatalmente defezo. Ha pouco era Palestrina e Roland de Lassus que elle nos prohibia d'interpretar; hoje tocou a vez a Bach e Haendel. Amanhã pertencerá a Gluck, Mozart, ou Beethoven! Em breve que nos restará, que tenhamos liberdade de ouvir, sem reclamação? *Andromaque*? Parece-nos pouco, francamente.

PIERRE LALO.

CONCERTOS

A rapida subida do mercurio nos thermometros não entibia um só momento a azafama dos organisadores de concertos na sua tarefa ingloria de divulgar a boa e má musica e de ostentar os prodigios, mais ou menos contestaveis, de *virtuosos* de todas as qualidades e de todos os feitos.

Pobre musica e pobres musicos!

Não se convenceram ainda que em terra tão *desconcertada*, o concerto ha-de ser sempre um producto exótico, um fructo esporádico, que tem de crear-se em estufa, mas... sem despezas de cultura?

Pois não viram a Carreño a tocar para um publico de convidados e o Thibaud a tocar para .. as moscas?

E não pára no entanto a onda.

Multiplicam-se os concertos, acavallam-se mesmo uns nos outros, sem consideração alguma pelo tão apetezido publico, que de resto tomou a prudente resolução de não pôr lá os pés.

Não é difficil averiguar a causa d'este abandono.

Quando ha dois annos se estabeleceu uma certa corrente para as audições musicas, julgamos nós outros que se manifestava um principio de regeneração artistica no nosso meio. Havia de certo para isso uma salutar tendencia, dadas umas determinadas circumstancias, a que não eram extranhos os esforços de meia duzia de apóstolos e a inegavel intuição musical do nosso povo.

Mas era preciso não abusar... Sobretudo o que era preciso era que esse manjar espirital de que as multidões pareciam gulosas, fosse sabiamente e conscienciosamente administrado, sem precipitação e sobretudo sem deficiencias e erros culinarios, que haviam de necessariamente engulhar os estomagos e avariar os paladares.

Tem-se feito assim?...

*

Na presente quinzena houve oito concertos quasi seguidos, e entre elles o de Oscar da Silva, o da *Escola Nacional de Musica*, o da *Academia dos Amadores* e, no mesmo dia, os de Elpidio Pereira e de Alexandre Rey Colaço, sendo este ultimo para fins beneficentes. Para a primeira quinzena de junho haverá nada menos de 9 ou 10, que nos conste.

O de Oscar da Silva que teve logar a 17 no Salão do Conservatorio era exclusivamente consagrado á audição das ultimas produções do moço artista, cujos dotes e aptidões especiaes para a composição já aqui temos assignalado.

Compunha-se de obras de varios generos, para canto, para piano, para violino, para violoncello etc., merecendo-nos menção especial dois adoraveis trechos violinisticos, *Cançoneta* e *Berceuse*, que tiveram por apresentante o sr. Julio Cardona, e duas interessantes e suggestivas *Endechas*, cantadas pelo sr. Leon Jamet.

Essas quatro obrinhas encantaram-nos literalmente, o que não significa que no resto

dos trabalhos apresentados se não encontrem rasgos de verdadeira inspiração e acima de tudo uma factura muito castigada e uma constante preocupação de originalidade, que na mór parte dos casos o distincto compositor consegue atingir.

Já o temos dito mais de uma vez—Oscar da Silva, nomeadamente nos trechos de canto para salão, tem umas condições de *charme*, nada vulgares. Se persistir em deixar dominar essa feição especial do seu talento, sem abstrahir da simplicidade e sobriedade inherentes aquelle genero de composição, estamos certos que ha de ir longe e poderá occupar ainda um dia um logar honrosissimo entre os compositores nacionaes.

*

O primeiro concerto de assignatura na nova *Escola Nacional de Musica* teve logar em 21 tambem no Salão do Conservatorio.

Programma nutrido e execução bastante satisfatoria.

Toda a musica d'orchestra era de auctores portuguezes—Taborda, Machado, Neuparth, Antonio Eduardo e Cossoul, sendo a maior parte d'ella ja nossa conhecida.

Sem a menor intenção de melidrar ninguem, pedimos licença para citar o *Preludio em fi* do primeiro d'estes compositores, o illustre director da Banda da Guarda Municipal, cujo trabalho nos produziu excellente impressão pela *souplesse* dos dialogos, pelo encadeamento modelar de todas as phrases musicas, e pelo profundo sabêr que o artista nos revelou no emprego e escolha dos diversos timbres orchestraes, com que contava.

Varios solistas se apresentaram tambem n'este concerto, D. Isaura Callado, D. Adeline Rosenstock, Francisco Benetó, David de Sousa, Leon Jamet, artistas sobejamente conhecidos das nossas plateias e sobre cujo merito seria ocioso insistir.

Foi sob todos os pontos de vista uma bella festa e gostosamente felicitamos a *Escola Nacional de Musica* pela sua organização.

*

Um joven brasileiro o sr. Elpidio Pereira que ao que parece se encontra de passagem em Lisboa depois de ter estado em Paris pensionado pelo governo do seu paiz, deu no Conservatorio em 24 uma *matinée* para audição de algumas das suas composições orchestraes e vocaes.

Não é possivel, em tão curta resenha, analysar todos os trabalhos que fomos cha-

mados a julgar e dar sobre cada um d'elles um promenorizado parecer. Limitamos por conseguinte a encarar o conjuncto das obras que ouvimos e por elle determinar, quanto a nós, as qualidades dominantes no artista que se nos apresentou.

Elpidio Pereira é um novo. Entendamos:—é um novo... na idade. Fez a sua primeira, a sua principal educação no Brasil, isto é, longe e bem longe dos grandes centros d'Arte, onde todo aquelle que estuda se julga no dever de espreitar com olhar avido e curioso cada uma das circumvoluções d'essa engrenagem gigantesca que se chama o Progresso.

Gigantesga é o termo. Em nenhuma das bellas artes se sente tão nitidamente, como na musica, o caminhar rapidissimo de uma constante evolução que em dois simples seculos e sem uma unica sollução de continuidade poude transformar um João Sebastião Bach n'um Ricardo Strauss!

Na Musica um anno é uma eternidade! Assim o artista d'hoje não póde ser o artista d'hontem, porque os processos e meios de acção de hontem não podem ser rasoavelmente admittidos nem são devidamente apreciados hoje.

Dir-nos-hão que o Bach e o Beethoven são de todos os tempos. Poucos mais nos poderão apontar que deem garantia segura e firme de manter o mesmo poder de seducção atravez de todas as gerações.

E Bach e Beethoven não são dois musicos, são a essencia genial da propria Musica, são o poderoso eixo, em volta do qual gira a nossa Arte, toda inteira, são o ponto central de attracção para onde convergem e em torno do qual se agitam as moleculas infinitesimas de todo um systema que ha-de forçadamente ir ali buscar o germen de cada um dos seus movimentos!

Assim na arte de musica não nos podemos quedar a contemplar o que foi ha vinte annos e o proprio musico, se tem a vida longa, é arrastado n'esta rapida evolução a ponto de transformar o seu *modus faciendi* ao sabôr da época e pôr de banda, sem olhar para traz, os antigos processos (*).

Diziamos que Elpidio Pereira era um novo na idade. Como compositor é velho.

Velho pela malleabilidade e *aisance* com que manusea os diversos elementos da sua orchestra, velho tambem pela estylisação da sua polyphonia e pelo modo de ser que caracteriza, uma a uma, todas as suas produções.

Fórmulas archivelhas, massudas ás vezes,

(*) Vejam Verdi, que é um dos exemplares mais extraordinarios do que affirmamos.

com uma ligeira pincellada de folk-lorismo, de onde em onde, isto tudo muito sabiamente tratado, muito limpamente feito, eis a impressão que tivemos das obras de Elpidio Pereira.

Aproveite o sympathico compositor o que ha n'isto de bom, expurgue o que não presta e sobretudo ouça e estude os grandes symphonistas da actualidade, o Brahms, o Saint Saëns, o d'Indy, o Strauss, o Grieg, o Massenet, o Guiraud, o Lalo, (apontamos ao acaso) e terá o caminho feito para uma bella e talvez gloriosa carreira de compositor.

*

Á noute, tinha logar um outro concerto, promovido pelo illustre professor de piano Rey Colaço, para com o seu producto obviar ás despesas da fundação de uma colonia de verão para creanças pobres.

N'este pensamento altruista e da mais pura philantropia foi o notavel artista coadjuvado pelas suas principaes discipulas, a maior parte já professoras, e pelo erudito *conférencier* sr. Antonio Arroyo, que n'um interessante discurso expôz diversas circumstancias da vida de um dos mais eminentes vultos da arte musical — Chopin — a cujas obras era o concerto consagrado.

N'esta conferencia que durou mais d'uma hora passou o douto orador em revista os factos mais importantes da vida de Chopin, cuja summula muito resumida pôde o leitor vêr no nosso numero 22 (primeiro anno d'esta publicação). Se bem que não tivesse podido por escassez de tempo, conforme o proprio conferente nos declarou, alargar o ambito das suas considerações e analysar com a devida largueza a essencia, as tendencias e a influencia da obra chopiniana, poude no entanto o sr. Arroyo esboçar a personalidade do grande musico polaco, de fórma a interessar profundamente os seus ouvintes, mesmo os mais vérsados em historia musical e nos assumptos que com ella se prendem.

Seguiu-se á conferencia a execução de varias obras pianisticas de Chopin, confiada como dissemos a algumas illustres discipulas de Rey Colaço, sendo o proprio mestre quem traduziu um delicioso trecho do *Concerto em mi menor*, com a fragrança e mimo que todos lhe conhecemos.

As senhoras D. Laura Wake Marques, D. Irene de Gonta, D. Beatriz Corrêa, D. Christina Mouchet, D. Adelina Rosenstock, D. Leonor Manoel e D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso que tão brilhantemente se encarregaram de interpretar as restantes

obras, enviamos a expressão do nosso agradecimento e o mais caloroso dos applausos.

*

Os alumnos d'ambos os sexos das aulas de musica e da classe de arte dramatica do Conservatorio congregaram os seus esforços para satisfazerem ao artigo da lei, que lhes impõe a obrigação de dar dois concertos annuaes, cujo producto deve reverter em favor do cofre de subsidios. O concerto de 26 do corrente, segundo do anno lectivo, foi organizado com um programma variado e attraente. Apesar d'uma serie de contrariedades de occasião, devidas ao temporal que no começo da noite se desencadeou e prolongou até deshoras, a execução do programma deve ter deixado satisfeitos os professores e discipulos, embora sem vantagem alguma o cofre de subsidios tivesse de supprir ás depezas feitas. É cofre que o governo precisa de subsidiar directamente.

É nosso propósito não entrar na apreciação das provas dadas pelos alumnos em cada um dos numeros do programma. Acima de todas as exigencias temos a considerar que taes concertos são um estímulo ao estudo, um meio seguro de adquirir o habito de tocar, cantar ou recitar em publico, um factor com que os professores teem de entrar em linha de conta para avaliar das aptidões de cada alumno em particular, e, acima de tudo, um meio de desenvolver o gosto pelos estudos musicaes.

E oxalá que em taes concertos as obras dos classicos occupem sempre um logar de importancia e de preferencia a pequenos compositores de character ligeiro que só pôdem servir para attrair uma concorrência de que o Conservatorio não precisa. Agradamos a orientação com que os programas são confeccionados e que sem restrições applaudimos.

*

A prestimosa *Academia de Amadores de Musica* tambem concorre n'esta grande azafama de concertos com nada menos de tres audições, das quaes as de 27 do corrente e de 1 de junho são exclusivamente destinadas a apresentação de alumnos.

Em 29 é que teve logar o concerto mensal, de que daremos conta no proximo numero, e cujo programma ainda desconhecemos no momento de escrever estas linhas.

*

Na data em que sae o presente numero, realisam as officinas de S. José uma *aca-*

demis musico-gymnastico-litteraria dedicada aos seus protectores.

Na parte musical do programma figura a banda das officinas, os c6ros ensaiados pelo Padre Concina e como solista o distincto rabequista Francisco Benet6.

Entre os numeros annunciados conta-se uma parte da *Passione di Cristo* de Perosi, que supp6mos ser ouvida pela primeira vez em Lisboa.

Agradecemos a gentileza do convite.

*

O sr. Theophilo Russell organisou no Instituto de Coimbra uma serie de quatro interessantes concertos historicos, tendo tido effeito os tres primeiros em 17, 24 e 31 do corrente e devendo realisar-se o ultimo em 7 de junho.

O primeiro programma foi consagrado a Beethoven, Mendelssohn e Schumann, o terceiro a Chopin e o quarto Liszt.

Os dois primeiros programmas, que temos 6 vista, s6o intelligentemente commentados e contem notas biographicas muito valiosas para elucidac6o do auditorio.

Felicitamos o sr. Russell por esta bella serie e pela somma de trabalho e de talento que ella representa e lastimamol-o pelo exito financeiro da sua empreza, que ao que nos consta foi desgraçada.

*

A 2 annuncia-se uma audiç6o pelos notaveis artistas Bauer, Casals e Moreira de S6, o que est6 despertando, como 6 natural, a mais viva curiosidade e interesse.

Effectuar-se-ha no sal6o do Conservatorio e comp6r-se-ha das seguintes obras:

Para os tres artistas, o *Trio em f6* de Saint-Sa6ns, para Moreira de S6 uma *Sonata* de Tartini, para Casals as *Variac6es symphonicas* de Boellman e a *Sonata* de Valentinini e para Bauer diversas peç6as de Chopin, Schumann e Liszt.

*

No proximo dia 4 de Junho realisa a sua festa annual o prestimoso violinista D. Francisco Benet6, com o concurso da sua discipula a Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Machado de Miranda, da illustre professora mad.^{me} Sarti e da *Escola de Musica de Camara*, que n'este concerto executar6 em primeira audiç6o um *Septuor*, de Duvernoy para clarim, 6rcos e piano.

Francisco Benet6 executar6 a solo o *Concerto* de Beethoven, com a cadencia de Leonard, o *Rondo capriccioso* de Saint-Sa6ns e outras obras importantes.

*

Seguir-se-ha o grande concerto de beneficencia da violoncellista portugueza Guilhermina Suggia, que supp6mos ser6 a 6 no Sal6o da Trindade, e cujo programma ser6 o seguinte:

Concerto , op. 20 (para violoncello).....	<i>Klenzel</i>
S.^t Franç6is de Paul (para piano).....	<i>Liszt</i>
Sur le lac	<i>Godard</i>
Tarantella (para violoncello).	<i>Piatti</i>
Rapsodie d'Auvergne (para piano).....	<i>Saint-Sa6ns</i>
Concerto (para violoncello)..	<i>Popper</i>

Os numeros de piano ser6o desempenhados pela talentosa pianista D. Virginia Suggia, que j6 tambem tivemos a fortuna de ouvir em Lisboa ha cerca de dois annos.

*

A 9 consagra a illustre artista conjunctamente com sua irm6 D. Virginia Suggia, uma magnifica audiç6o 6 *Escola de Musica de Camara*. Ser6 o septimo concerto d'esta 6poca (referente a Maio) e as obras que o comp6em s6o as seguintes:

Concerto (para violoncello)..	<i>Schumann</i>
Sonata eroica (para piano s6).	<i>Mac-Dowel</i>
Sonata , op. 58 (para piano e violoncello).....	<i>Mendelssohn</i>

*

O concerto com que a *Escola de Musica de Camara* fechar6 os seus trabalhos na presente 6poca ter6 provavelmente logar em 16 e deve tomar n'elle parte, al6m dos elementos habituaes da *Escola*, a distinctissima pianista-amadora D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, o illustre violoncellista Moraes Palmeiro e um quarteto de vozes sob a intelligente direcç6o do maestro Alberto Sarti.

Entre outras obras interessantes, tocar-se-ha o *Quarteto* de Vincent d'Indy, que ainda n6o 6 conhecido em Portugal.



Maria Augusta de Freitas Valle



Inscrevemos, hoje, n'esta modesta galeria das nossas illustrações musicas um nome mais, que justamente conquistou direito a figurar n'ella. A nossa perfilada completou com distincção e louvor o curso completo do Conservatorio em 1894, contando apenas doze annos, e hoje, nos seus floridos

vinte, é uma das boas interpretes da musica dos grandes mestres, tendo obtido sempre as maximas distincções no curso complementar de piano, successivamente, nos annos de 1895 e 1896.

Os diplomas obtidos, deveras os seus melhores titulos de gloria, são extremamente lisongeiros, e de natureza a satisfazer quaesquer aspirações de amor proprio, por mais amplas e subidas.

Por vezes a imprensa registrou devidamente os seus notaveis estadios na carreira d'estudos. Entre outros, o «Seculo» de 20 Agosto 1896, referiu-se nos mais elogiosos termos á juvenil pianista, bem como ao habil professor q: e lhe servira de mentor, o sr. Matta Junior, um dos nossos melhores educadores de piano.

Em 1897, o «Diario de Noticias» prestava-lhe egual tributo, bem como a «Chronica», revista litteraria, que no seu n.º 4, de 1900, lh'estampou o retrato, com biographia devida á penna do mallogrado Luiz da Silva, ha pouco fallecido.

Desde os doze annos que lecciona como monitora no Conservatorio; cargo esse em que foi definitivamente confirmada em 1896, ao terminar brillantemente o seu curso.

COLLINE.

ANTIGUIDADES MUSICAES

A ninguem é dado eximir-se ao estudo das obras dos Mestres, se pretende elucidar-se nos processos e vocabulario tecnico que n'ellas se aprende, com absoluta segurança. Porém, n'uma epoca como a presente, onde tudo é tão complexo e rico de cambiantes, é um consolador descanso sempre que se nos depara um assumpto d'arte, algo primitivo; como que experimentamos um renovo de sensações artisticas.

A musica, que parece pender para voltar á confusão gothica, careceria por certo de tornar aos seus principios naturaes. Todavia, para procurarmos o verdadeiro ponto de partida d'uma arte, não é nos livros que devemos ir pesquisar, porquanto é nos instinctos populares que se funda a arte racional, que a experiencia desenvolve ou modifica, seguidamente.

Para poder achar-lhe os primeiros vestigios é preciso que existam algumas tradições, conservando-lhe a execução com a maior pureza. Não nos escasseiam obras impressas onde existem fragmentos da antiga musica nacional; desgraçadamente quasi nenhuma nos resta que ainda seja cantada pelo povo. Sob esse ponto de vista os Francezes perderam algo da sua originalidade musical. As canções do *café-concerto* invadiram o mercado, espalhando-se com uma rapidez inexplicavel. Em França a musica feita substituiu a que o instincto creára.

Nas antigas canções francezas existia um forte sabor peculiar, mixto de doçura e vivacidade, e que mesmo no mais *terra á terra* continham sempre encanto, sem que fossem vulgares.

Quem as canta ainda? Apenas nos campos mais sertanejos se ouve algum resto d'essa musica, tão eminentemente nacional. E comtudo, recordo-me d'alguns encantadores fragmentos que ouvi cantar a uma camponeza das cercanias de Nevers, ama d'um dos meus filhos, n'um dia em que ella procurava adormecel-o nos braços, e durante uma tarde suffocante de calor, que até os proprios insectos se refugiavam da ardenscia, no mais recondito do jardim da casa.

Cantava ella a meia voz uma certa melopêa, cujas palavras eram no dialecto local, e quanta doçura havia n'esse rhythmo monotonico, que se misturava com o ruido peculiar que sob a acção calorica surgia de todos os lados do jardim!

A antiga tonalidade da canção demonstrava-se pela ausencia da nota sensivel, e

incerteza entre os modos maior e menor, quasi sempre signal caracteristico da musica antiga. Infelizmente, não consegui transcrever a notação d'esse canto, certamente um fragmento muito raro.

E' deploravel que ninguem pensasse em colligir estes cantos originalissimos dos nossos campos; porém em França parece que se desdenha systematicamente quanto procede do mais puro do nosso natural instincto.

As melodias antigas são bem faceis de reconhecer pela relação que conservam com a tonalidade da musica de egreja.

Talvez ainda fosse tempo de colligil-as; mas não se deveria esperar mais. Hoje quando as ouvimos, aos individuos que as sabem, é vulgar que as alterem procurando precisal-as, e em qualquer hypothese a notação fica sempre approximada pelo que diz respeito ao rhythm, tendo de se supprir com indicações escriptas. Por encantadoras que essas velhas canções sejam, estão a incalculavel distancia do que é hoje a musica em França, pois que a differença é enorme entre a musica verdadeiramente popular, e a artistica ou douta.

Na Italia, pelo contrario, porque o instincto musical do povo seja vivissimo, a distancia é muito menor, e até mesmo, a tradição popular é actualmente mais pura, que a dos artistas que n'esse paiz estudam e cultivam a musica. Como na antiguidade, a musica na Italia acha-se enlaçada com innumeras circumstancias da vida de familia.

Para prova narrarei um caso muito curioso, de que fui testemunha em Napoles, habitando o caes de Santa Lucia, tão conhecido pelas suas lojinhas de venda de molluscos, chamados *fructos do mar*. E' costume virem os nacionaes e forasteiros dessedentar se n'ellas, observando no emtanto essas artisticas rumas em que os molluscos, frescos e molhados, se acham dispostos com infinito gosto, como se não devessem vender-se. Essa exposição effectua-se sobre plantas maritimas, cujo verde esmeralda rutilo ainda mais sobresahe pela claridade das luzes, apenas agitadas pela brisa tão suave do golpho.

Recolhia-me uma tarde á minha habitação, e passava por uma das villas que desembocam no caes, formando como que intersticios entre as edificações elevadas que o marginam. Ao passar fui surprehendido pelos sons de instrumentos que me atrahiram para uma casa, na qual entrando, se me deparou um grupo de silhuetas de gente attenta rodeando um grupo de musicos tocando á luz dos fachos.

Acercando-me, foi-me explicado que se

tratava d'uma serenata em honra de dois novos esposos que acabavam de entrar em sua casa.

Conservo ainda bem viva a recordação do perfil moreno da joven esposa, e as opulentas ondulações dos seus formosos cabellos negros. Ella sorria para o grupo dos musicos, e de quando em quando um outro perfil barbado assomava por traz da rapariga, como que duplicando a figura. Por sobre esta estreita viella, cujas paredes se perdiam n'uma meia escuridão, o bello ceu de Napoles parecia um docel d'estrellas.

A pequena orchestra constava d'um violino, flauta, violão e trombone, que serviam de acompanhamento a um cantor.

Este ultimo, depois d'alguns compassos de preludio, entoou uma cantilena em maior, muito lenta e pouco rythmada, como que o meio termo entre recitativo e melodia. Pelo character e sentimento assimelhava-se a qualquer adagio de Mozart, bem entendido, sem o acabamento e a perfeição do grande musico.

A voz era de tenor e cantava forte no registro elevado, quasi sem cambiantes, como os passaros quando dispendem todo o som que possam

Os musicos acompanhavam a voz com os accordes simples da tonica, subdominante e dominante, bastantes para as melodias que se circumscrevem á escala diatonica. Seguam com muita arte as progressões da voz a flauta ornamentando cada phase do som, ora subindo ora descendo, o violino seguindo o canto em unisono, o violão applicava a harmonia, ao passo que o trombone, com muita suavidade, dava as notas baixas. Essa musica indolente e apaixonada arrastava consigo as palavras sonoras e algo nasaladas do dialecto napolitano.

Era propriamente musica popular, tradicional, que não se achava escripta, porque de cada estrophe o acompanhamento variava. E mesmo, tudo isso, era muito imperfeito quanta ás theorias. D'onde proviria esse bello epithalamio? Quantas vezes me tenho accusado de o não ter sabido investigar, mas na idade em que o facto se deu, não se buscavam as impressões por curiosidade, são ellas que se nos deparam inexperadas. Estou convencido que tive n'aquella occasião uma fortuna rarissima, pois que alguns napolitanos, meus amigos, asseveraram-me que o canto que ouvira era antiquissimo, desconhecendo-se-lhe a procedencia, e muito admirado em Napoles, tanto mais que já se ouve muito raramente. A tradição d'elle vae-se perdendo, esomente na população mais retirada é que ainda se conserva.

Muitos annos depois, pode ligar a recor-

dação d'esse canto a uma tradição antiga. Na velha Italia era uso reconduzir os novos esposos até á sua habitação, ao som de vozes e flautas, detendo-se deante da porta enquanto o marido tomando a mulher nos braços transpunha o limiar da casa, sem que ella lhe tocasse com os pés, o que era considerado de mau augurio. Por analogia deve-se approximar esse antigo uso da cerimonia musical a que assisti e acima descrevo.

Assim se explicaria o character pouco moderno da melodia que o cantor enviava aos echos da viella. Provavelmente nada restaria do canto primitivo, mas ficara permanecendo o sentimento poetico a character da situação, que, se se exprimia de modo diverso d'outr'ora, no fundo ficara sempre o mesmo. A execução era perfeita no conjuncto e na fantasia era arte organizada naturalmente, tendo a flexibilidade do improviso.

Não ha duvida que a Italia na sua musica tem algo de banalidade, por muito tempo gabada, mas que começa a perder terreno. Todavia tem innumeradas tradições musicas que a muitos passam despercebidas, e que jazem sepultas sob as camadas d'arte mais moderna que as cobre, como o solo actual nos esconde os restos d'architectura e estatuaria antigas.

Outra musica, de character diverso da que acabei de referir não me impressionou menos pela sua primitiva grandeza.

Estando em Amalfi, n'uma tarde triste e sombria, passeava á borda do mar, aborrecido. Ceo e agua estavam igualmente plumbeos e pardacentos, como placas d'estanho sobrepostas. O mar nem ruido fazia, e se ás vezes uma orla d'espuma vinha molhar a margem, quasi que estremeciamos, tanto a propria agua parecia adormecida.

Comecei a ouvir, de modo intermitente e mal perceptivel, alguns sons que vinham do largo, como as palavras que se desgelm no ar, de que Rabelais falla. Sobre o mar eu via confusamente alguns pontos negros, que deviam ser barcos de pesca; tão afastados porem, que mal poderia julgar que os sons viessem d'ellas. Pouco depois ellas avisinharam-se, e então vi que o som provinha effectivamente dos barcos.

Era um canto, cujas estrophes cantadas por uma voz a solo, terminavam na ultima palavra pelo accorde perfeito maior do tom, prolongado indefinidamente pelas outras vozes em côro.

Cada um dos tripulantes cantava por sua vez, no que variava de continuo a expressão é o character. Ora era a voz enfraquecida de um velho, ora o orgão guttural d'adolescente. ao tenor se seguia o baixo, alternadamente. Lembro-me mesmo d'uma voz tremula

como a d'uma anciã, que em distancia produzia um effeito estranhamente mystico. Sempre no fim de cada estrophe o magestoso accorde, estendendo-se como um immenso lençol por sobre o mar immovel e silencioso; era uma especie de recitação ornada de effeitos vocaes, sons prolongados, ou quasi sem rhythmmo, os d'um cujos periodos eram demasiado longos. Na sua mysteriosa tristeza este côro parecia a voz da propria natureza!

A proporção que as barcas se aproximavam, eu podia ver os remadores em pé, inclinando-se cadencialmente sobre os remos, e seguindo lentamente o rhythmmo. Quando a primeira varou na areia, os tripulantes ergueram os remos, ao mesmo tempo que o ultimo accorde do canto se unia ao ruido da quilha aproada.

Soube dos pescadores que estes cantos não estão escriptos e são um recitativo da Paixão, mantendo-se o uso de se cantarem durante a quaresma, enquanto estão no mar.

Certamente, o sentimento d'esta musica popular é absolutamente apropriado ao assumpto; ha n'ella uma tal característica de religiosidade, tão primitiva e grandiosa, que é licito suppôr que esses cantos sejam tão antigos como a raça que povôa a região, pois que, á excepção do accorde final, pertencente á linguagem harmonica e relativamente moderna, os companheiros d'Eneas poderam ouvil-os, quando as suas barcas costeavam as plagas de Italia!

LEON PILLAUT.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* recebemos uma carta-circular, afim de esclarecer que esta prestimosa associação é absolutamente extranha á nascente *Escola Nacional de Musica*, a que n'outro lugar alludimos.

Não importa muito a transcrição integral da carta na nossa folha, porquanto todos os nossos leitores e todos aquelles que acompanham com interesse o nosso movimento musical sabem muito bem que se trata de duas sociedades inteiramente differentes, se bem que de indole semelhante.

O que é essencial é que em todas estas *Escolas* alguma cousa *se aprenda*, ou pela doutrina ou pelo exemplo. Ponham, por amôr de Deus, esse ideal acima de todas as

caturrices de campanario, de toda a preocupação de partidos, de todas as *manobras politicas*, tão desastrosas no campo da Arte e infelizmente tão apreciadas entre nós por certas *coteries* de inúteis e de invejosos.

Cada um que trabalhe como possa e... deixem os trabalhar os outros.



São já perto de 500 as assignaturas da mensagem que vae ser endereçada á notavel violoncellista portugueza Guilhermina Suggia por occasião do concerto de caridade que vem dar a Lisboa, em principios do proximo mez de Junho.

Entre esses nomes, figuram os dos nossos principaes artistas em todos os ramos, litteratos, criticos d'arte e amadores de musica.

As folhas de assignatura, que se encontram em diversos estabelecimentos de musica, vão ser recolhidas e encadernadas em uma rica pasta com o monogramma da illustre artista.

Com o nosso proximo numero e em folha supplementar, faremos distribuir a copia d'esta mensagem, que representa um preito de profunda consideração por um dos mais raros talentos que tem surgido na patria portugueza.



Apoz uma dolorosa operação cirurgica a que teve de submeter-se, tem estado seriamente doente, com uma febre infecciosa, o nosso grande pianista José Vianna da Motta.

Sabemos, porém, por noticias ultimamente recebidas, que se accentuam todos os dias as melhoras do illustre enfermo e que poderá dentro em pouco recommençar os seus trabalhos.

A sua prolongada enfermidade obrigou-o a desistir de um vantajoso contracto que tinha assignado para Londres, afim de darn'essa capital uma segunda serie de concertos.



Dois enlacs auspiciosos nos cumpre registrar nas columnas da *Arte Musical*, por se referirem a pessoas e familias das mais conhecidas no nosso meio artistico musical.

Realisaram-se um a 16 de Maio na parochia das Mercês, e teve como nubentes o sr. Visconde José de Moraes com a gentilissima filha dos srs. Condes d'Almeida Araujo, D. Maria Emilia, com assistencia numerosissima da nossa *selected society*.

Outro foi o da gentil filha de Madame Peito de Carvalho e do fallecido Condeheiro Joaquim Peito de Carvalho, um dos mais conceituados funcionarios superiores do paiz, D. Sarah Vasconcellos Peito de Carvalho que desposou o sr. Carlos Martins de Carvalho, illustre 2.º tenente da armada.

ESTRANGEIRO

A commissão promotora das festas para a inauguração do monumento a Wagner na cidade de Berlim, a proposito de figurarem no programma um concerto historico e um congresso d'istoria de musica, recebeu, do illustre Hans Richter, uma carta de escusa em que declara não poder associar-se ao plano das mesmas. Fundamentando, diz «que todos aquelles que trataram Wagner intimamente, sabem quanto era contrario a taes emprezas, que repudiava, julgando-as anti-artisticas! Póde-se ter opinião diversa, mas nunca promoverem-se manifestações taes em louvor e honra de Wagner. A sua gloria não se baseia sobre a historia ou sciencia musical. Vive no coração dos allemães, e portanto toda e qualquer festa em honra sua deve ter caracter eminentemente popular. Se se quer festejar-o condignamente deve fazer-se por meio de representações tão correctas quanto possivel, das suas obras ou das dos mestres que o iguaem».

Depois de Richter, Felix Mottl declinou a honra de dirigir um dos concertos, pedindo mesmo que o seu nome fosse radiado da lista dos membros da commissão. Invoca quasi os mesmos motivos allegados por Hans Richter, ajuntando: «Amor, reconhecimento e respeito pelos grandes homens são cousas que devem ficar sagradas. Esses sentimentos quero, durante a minha vida, conserval-os no theatro de Bayreuth, inimitavel monumento que o Mestre s'erigiu em vida, para nossa felicidade eterna».

Concluiremos, quanto difficil seja contentar Wagner e os seus apóstolos.



O nosso conhecido e tão sympathico Marx Loevensohn acaba de ser convidado para reger a classe de violoncello no Conservatorio de Genebra.

Não poude por esse motivo aceitar um outro convite, igualmente honroso, que lhe fôra feito em Bruxellas para fundar com Thomson e outros artistas notabilissimos, um quarteto, sob o titulo: *Quatuor du Conservatoire de Bruxelles*.

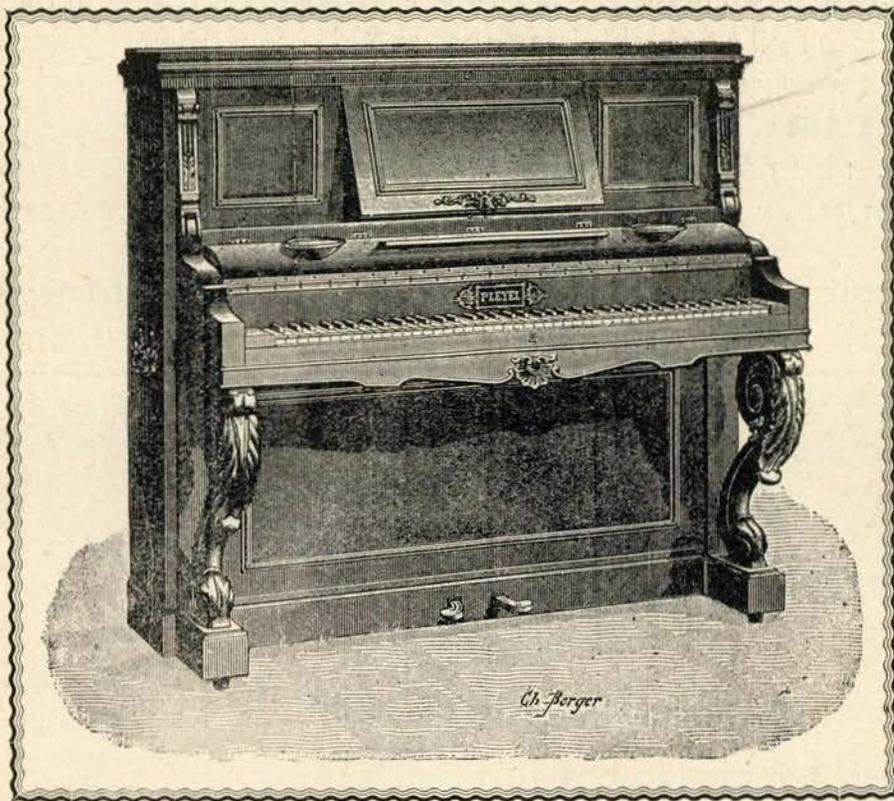
NECROLOGIA

Falleceu no Porto o sr. José Schumacher, conhecido afinador e reparador de pianos e actualmente proprietario ali de um armazem da especialidade.

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG.º GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar quaesquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

Worm & Rosa

O maior e mais completo sortimento de machinas, accessorios, utensilios e productos photographicos.

Depositarios das principaes fabricas inglesas, francesas, alle-mãs e americanas, de artigos para photographias.

135. Rua da Prata, 137

LISBOA

ACABA DE PUBLICAR-SE:

Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

↔ POR ↔

ERNESTO VIEIRA

2 Explendidos volumes adornados com 33 magnificos retratos, na sua maior parte absolutamente meditos

Preço brochado..... 4\$000 réis
Luxuosamente encadernados 5\$500 réis



Bandolins italianos

GRANDE SORTIMENTO DESDE
8\$000 A 36\$000 RÉIS

ESTOJOS PARA BANDOLIM

Desde 3\$500 réis

ESPECIALIDADE em cordas inglezas e palhetas de tartaruga.

Enorme sortimento de methodos e musica para bandolim

Á VENDA NA:

Casa LAMBERTINI

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Adelina Judice Samora , professora de guitarra, <i>Trav. de S. Sebastião, 26 4.º E.</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Botelho , professor de piano, <i>Travessa de Santa Quiteria, 63, r. c., D</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluç, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Elvira Rebello , profes.ª de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Jesus Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Rua de D. Carlos, 119, 4.º</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Avenida, 108, 4.º, E.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano e orgão, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof. de piano e violino, <i>R Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 2.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte)...	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA